

William Burghardt Du Bois



Por **NOEMI SANTOS DA SILVA & JÔNATAS OLIVEIRA PANTOJA***

Verbetes do “Dicionário marxismo na América”

Vida e práxis política

William Edward Burghardt Du Bois (1868-1963) foi filho único de Alfred Alexander Du Bois, barbeiro e trabalhador itinerante, e Mary Silvina Burghardt, dona de casa. Sua família era composta por fazendeiros e trabalhadores afro-estadunidenses da Nova Inglaterra. Seu pai tinha nascido no Haiti e migrado para os Estados Unidos, onde serviu como soldado unionista na Guerra Civil. Da parte materna, a ascendência de Du Bois vinha de uma tradicional família de negros livres, sendo o bisavô Tom, um escravizado africano que obteve a liberdade após Independência estadunidense. A partir dos dois anos de idade, Du Bois foi educado pela mãe e família materna, após o pai deixá-los, mudando-se para Connecticut, onde faleceu pouco depois.

Até os 17 anos, viveu em sua cidade natal, Great Barrington, no interior de Massachussetts, de população majoritariamente branca. A condição do negro na sociedade de classes dos EUA da segunda metade do século XIX aumentou o significado da formação educacional como via de ascensão, o que permitiu a Du Bois experimentar a confirmação precoce de suas habilidades intelectuais, bem como os limites sociais e econômicos que afetariam sua carreira acadêmica. Foi o primeiro estudante negro a concluir o ensino médio na escola preparatória de sua cidade natal, em 1884.

Durante os anos escolares, Du Bois já escrevia artigos para periódicos regionais, como *Republican* e *Globe*. Aluno destacado, mas sem meios para cobrir as despesas universitárias, recebeu apoio do diretor da escola, que arrecadou doações para custear seu ingresso, em 1885, na *Fisk University* (Nashville, estado do Tennessee) - instituição surgida no fim da Guerra Civil com a proposta de educar a população negra, recentemente livre da escravidão. Ali, tornou-se editor do *Fisk Herald*, dando ênfase às contribuições vanguardistas dos afrodescendentes, além de ministrar cursos para comunidades negras do meio rural.

Os anos vividos no sul do país expuseram ainda mais o jovem estudante às contradições sociais de seu tempo - como o racismo e a pobreza. Em 1888, após graduar-se em Fisk, foi admitido na *Harvard University*, reduto educacional da elite do país. Lá, formou-se em Filosofia e História em 1890, defendeu o mestrado em 1891 e foi o primeiro afrodescendente da instituição a obter o doutorado - em história, no ano de 1895, com a tese *The suppression of the african slave trade to the United States of America, 1638-1870* [A supressão do tráfico de africanos escravizados para os EUA], publicada no ano seguinte na coleção *Harvard Historical Studies Series*.

Entre 1892 e 1894, manteve também vínculo formal como aluno do curso de Economia da Universidade de Berlim (Alemanha), após obter uma bolsa de estudos. Apesar de cumprir a maior parte dos requisitos para a titulação, precisou interromper o curso e voltar para os EUA devido à falta de dinheiro. Então, deu aulas de estudos clássicos e línguas

modernas por dois anos na *Wilberforce University*, (Ohio), instituição destinada a estudantes negros. Ali, conheceu a colega Nina Gomer, com quem se casou em 1896 e teve dois filhos.

A formação superior pluri-institucional de Du Bois, assim como seu trabalho docente fora da área em que se especializou, expressam as restrições sociais impostas para um pesquisador vindo de fora dos círculos dominantes da academia; por outro lado, estar fora dos grupos de poder lhe permitiu certo trânsito entre vários campos do conhecimento, predispondo o jovem intelectual à aposta em searas científicas diversas, muitas das quais ainda estavam em seu estágio inicial (caso da Sociologia).

Neste percurso, ainda em 1896, ele recebeu o convite para ser professor auxiliar na *University of Pennsylvania* e para conduzir um estudo sobre o distrito de Seventh Ward na Filadélfia, região habitada majoritariamente por afrodescendentes e imigrantes.

Fazendo uso de métodos quantitativos, Du Bois desenvolveu uma pesquisa que resultou em um trabalho de referência sobre a condição de vida da população negra, publicado com o título *The Philadelphia negro* [O negro da Filadélfia] (1899) – com que se tornou o pioneiro no uso de abordagem sociológica para a compreensão do “problema negro” no país. Em seus estudos da época, o autor chamava a atenção aos fatores estruturais de ordem socioeconômica e racial que levaram a população negra à miséria após a escravidão. A partir de então, dedicou-se a variados estudos empíricos que abordaram as implicações do racismo na sociedade, destacando o valor das culturas de matriz africana.

Em 1897, assumiu o posto de professor de sociologia na *Atlanta University* (Geórgia/EUA), onde permaneceu por 13 anos, dando início ao primeiro dos dois longos períodos em que permaneceu na instituição (o segundo seria entre 1934 e 1944, quando ocupou a chefia do Departamento). Ali, Du Bois organizou o curso de sociologia e colaborou com a reformulação do currículo acadêmico; o apoio institucional aos seus projetos foi fundamental para se tornar um autor prolífico e promover o estudo das condições sociais das comunidades negras.

Além de sua carreira como docente e de suas pesquisas pioneiras, Du Bois se dedicou também à militância política e ao trabalho editorial. Em 1901, foi convidado por Booker T. Washington (ativista dos direitos civis) para participar do *Tuskegee Institute*. Contudo, logo percebeu que suas concepções políticas na luta contra o racismo eram divergentes da do líder, cujas ideias para a melhoria da condição de vida dos afro-estadunidenses se baseavam no incentivo à educação para o trabalho técnico, com vistas ao acúmulo gradual de riqueza – o que, para Du Bois, era uma “política acomodacionista”. Segundo ele, apenas uma concessão abrangente de direitos (voto, educação superior e cidadania) poderia garantir alguma ascensão social.

Afastou-se do grupo e, em 1905, organizou o *Niagara Movement*, com o apoio de William Monroe Trotter e outros desafetos de Washington. O novo coletivo tinha por princípios a defesa dos direitos sociais e civis para a população negra visando sua completa integração à sociedade. A agremiação, porém, teve curta duração (até 1909), devido à falta de recursos e ao acirramento da oposição dos antigos correligionários da *Tuskegee*.

Assim, em 1909, Du Bois criou o *National Negro Committee* e, no ano seguinte, a *National Association for the Advancement of Colored People* (NAACP) – organização com enfoque mais abrangente, multirracial (o que permitia maior possibilidade de financiamento) e com posições nitidamente contrárias ao movimento negro conservador – a qual absorveria os membros e o ideário do *Niagara*. Ele passou então a se dedicar integralmente à NAACP, abdicando da docência universitária para trabalhar na sede da organização, em Nova Iorque, como diretor de publicações e pesquisa.

Em 1910, Du Bois se filiou ao *Socialist Party of America*, do qual, entretanto, logo se afastou, em 1912, para apoiar Woodrow Wilson na campanha eleitoral – em que o candidato democrata prometia defender as causas negras, ao contrário de seu opositor, o presidente republicano William Taft (passivo diante violência sofrida pelos negros).

Quanto à sua atuação como editor, Du Bois dirigiu a partir desta época várias revistas de ampla circulação, tais como:

Moon (1905-06); *Horizon* (1907-1910); o renomado *The Crisis*, editado desde 1910 pela NAACP, jornal que chegou a ter 100 mil exemplares em circulação (1920), com discussões em torno das relações raciais e cultura, e que se tornaria um veículo para a expressão de suas opiniões (aumentando as dissonâncias políticas dentro da organização); e, mais tarde, também o *Phylon* (1940-1944).

Após a I Grande Guerra, Du Bois se distanciou gradualmente da NAACP, ao mesmo tempo em que se aproximava do *Communist Party of the United States of America* (Partido Comunista dos EUA) e do marxismo. Passou a questionar com mais ênfase o ideário liberal, intrínseco ao repertório político da NAACP (demasiado moderado e dependente da filantropia); e, por outro lado, seu pensamento se radicalizou em direção à internacionalização do movimento antirracista – somando motivos para uma ruptura com a direção desta entidade. Tal evolução de seu pensamento se manifestou como resposta ao cenário calamitoso da Guerra no plano internacional, à expansão do colonialismo e à opressão dos africanos e afro-estadunidenses – o que expunha a dimensão global do “problema negro”, conferindo ainda mais sentido à ideia de pan-africanismo (movimento pela união transnacional de africanos e afrodescendentes).

A organização do I Congresso Pan-Africano, por Du Bois e correlegionários, aconteceu em Paris, em 1919, seguido por edições em 1921, 1923 e 1927. Os Congressos reuniram lideranças dos EUA, Caribe, África e Europa e, aproveitando-se do clima de união pela Paz no pós-guerra, permitiam que os descendentes diretos da colonização e do tráfico de africanos escravizados falassem publicamente por si, acerca de seus problemas. Na mesma época, Du Bois estabeleceu conexão significativa com o continente africano (que chamava “a casa dos afrodescendentes”), o qual visitou em 1923. Ademais, defendeu a participação dos africanos nos governos coloniais europeus na África.

Se por um lado, o movimento pan-africanista marcou uma era de solidariedade nunca antes vista entre a população negra mundial, por outro, evidenciou disparidades internas; algumas delas advindas da ascensão do jamaicano Marcus Garvey como liderança do movimento panafricanista – defendendo propostas de teor capitalista e nacionalista e esvaziando o sentido original das reuniões. O desapontamento com a militância antirracista neste espaço levou Du Bois a retomar sua vida intelectual na *Atlanta University*. Ademais, tornaram-se mais frequentes suas manifestações políticas no *The Crisis*, sendo que, em 1933, publicou declarações em favor do comunismo e em apoio à União Soviética – o que abalou as já frágeis relações com os demais membros da NAACP.

Em 1935, Du Bois publicou *Black reconstruction in America* [Reconstrução negra nos EUA], um dos maiores estudos acadêmicos sobre revolução e contrarrevolução.

Os posicionamentos heterodoxos de Du Bois sobre os meios de superação da segregação produziram reações, aumentadas pela radicalização de sua posição socialista. Por este tempo, ele deu suporte a agremiações comunistas, como o *Southern Negro Youth Congress* [Congresso da Juventude Negra Sulista] (1937-1949) – voltada ao amparo sindical e proteção de direitos civis. E, ainda, foi um grande apoiador do governo soviético de Josef Stálin – afirmando, em 1940, que, embora os métodos stalinistas fossem considerados impopulares, eram uma resposta necessária à ofensiva dos EUA contra a Revolução. De acordo com Du Bois, a solução definitiva do problema da desigualdade racial estava no marxismo: pensamento que conseguir explicar os problemas sociais a partir do vínculo entre os fatores econômicos e o desenvolvimento da civilização nos campos da religião, literatura e cultura.

Nos anos 1950, período de intensa perseguição anticomunista, Du Bois fez duras críticas ao sistema capitalista e, como parte de seu intento de universalizar a luta antirracista, visitou a URSS – onde foi recebido por Nikita Khrushchev (com quem promoveu a criação do Instituto para Estudos Africanos da Rússia) – e a China.

Porém, a partir da fundação do *Peace Information Center* [Centro de Informação para a Paz], criado para se opor às guerras, como a da Coreia, o governo estadunidense deu início a uma perseguição implacável ao marxista, que passou a ser monitorado pelo Departamento de Justiça do país, tendo seu passaporte apreendido e, logo, sendo encarcerado, acusado de vínculos com os soviéticos.

Ao retomar a liberdade, Du Bois passou a ser perseguido por suas convicções comunistas e ficou isolado dentro de seu próprio país – perdendo inclusive antigos aliados. Refugiou-se então, em seus últimos anos, em Gana, para onde se mudou em 1961, a convite do então presidente Kwame Nkrumah (1909-1972), naturalizando-se. Porém, a partida para a África não ocorreu sem antes realizar um dos seus feitos mais significativos no contexto persecutório dos Estados Unidos: sua filiação ao Partido Comunista dos EUA, em 1961, por meio de uma carta na qual afirmou ser o socialismo a única esperança viável à paz mundial e à libertação da população negra, ponderando que “o capitalismo não pode reformar-se a si próprio” e que o comunismo é “o esforço” para dar a todos “aquilo de que necessitam”, assim como para demandar de todos “o melhor com que cada qual pode contribuir”.

Seus últimos anos de vida na capital ganense, Acra, não amenizaram sua dedicação ao estudo das questões raciais e de classe envolvendo a população negra global. Por este tempo, fez parte da Academia de Ciências de Gana e trabalhou no projeto de elaboração de um antigo projeto, a escrita de uma enciclopédia africana (*Encyclopedia Africana*) – inconclusa até sua morte –, além de finalizar sua última autobiografia (publicada em 1968). O autoexílio no país africano foi também simbólico do processo de radicalização de ideias que marcaram sua trajetória política: a recusa de se interpretar o “problema negro” pelo viés nacionalista ou desvencilhado da questão socioeconômica.

A saúde de Du Bois logo piorou, e ele faleceu em 17 de agosto de 1963, com noventa e cinco anos, na véspera de uma grande marcha por direitos civis. Sua morte foi anunciada nos EUA diante da mesma multidão que assistia ao histórico discurso de Martin Luther King – pondo em evidência a grandeza da trajetória política e intelectual do militante comunista e antirracista. Foi sepultado perto de sua casa, em Acra (onde, em 1985, seria criado o *Du Bois Memorial Centre*).

Contribuições ao marxismo

O personagem em questão é um dos maiores expoentes intelectuais da luta antirracista no contexto americano, além de um dos pioneiros da articulação teórica entre marxismo e luta contra discriminação racial. Pelas ideias de “linha de cor” e “dupla consciência”, por exemplo, Du Bois ousou suplantear barreiras estabelecidas no pensamento científico de sua época, abrindo caminho para que o processo de “racialização” fosse tratado do ponto de vista da população negra estadunidense. Se no primeiro conceito vemos uma manifestação dos mecanismos estruturais do racismo na produção de desigualdades, no segundo, temos a definição do autor sobre a condição dúbia do “ser negro”, que envolve a experiência racista transnacional e o desejo de pertencimento à nação estadunidense.

As formulações teóricas de Du Bois receberam os contornos dos tempos históricos e conjunturas de exclusão por ele vividos. Nascido no imediato pós-Guerra Civil dos EUA, migrou para o Sul do país, presenciando a criação das racistas leis Jim Crow, a segregação e a violência racial. No plano internacional, foi testemunha das disputas colonialistas pelo continente africano, assim como das tensões do início do século XX.

Em seu doutorado, desenvolveu pesquisa sobre o tráfico transatlântico de escravizados (1895). Dedicou-se posteriormente a pensar sociologicamente a questão do negro, produzindo então as primeiras obras voltadas a análises sócio-históricas que traziam a articulação entre os fatores de raça e classe. Em *The study of the negro problems* (1898) e em *The Philadelphia negro* (1899), propôs uma forma inédita para compreender o “problema negro” como aspecto sintomático da configuração social instalada historicamente no Norte dos EUA, expondo o conceito de “linha de cor” – uma estrutura de opressão fundada no racismo e exclusão social, típica do modelo capitalista, que trazia consigo as heranças do comércio escravista global. O “problema negro”, portanto, representava uma série de discriminações entrecruzadas, derivadas dessa estrutura, e que refletiam em condições de precariedade no acesso a direitos (educacionais, de moradia, de trabalho, de saúde e políticos).

A preocupação do autor era pensar a questão do negro pelo viés da estrutura de opressão sociorracial. Se seus primeiros escritos ainda carregavam uma espécie de “esperança liberal” (que vinculava a ascensão popular ao mérito), isto não pode

ser desvencilhado da época de sua formação, quando a pseudociência evolucionista ganhava espaço e, na política, dava-se o auge da propaganda liberal. Mesmo assim, seu pensamento desde cedo produziu inovações, o que se vê em sua busca por interpretar a questão do negro com base em elementos sociais – recusando a racista perspectiva biológica eugenista.

O protagonismo de Du Bois no ativismo negro, a partir da década de 1890, também reflete esse momento político. Tanto o *Niagara Movement*, quanto a NAACP surgiram do impulso de denunciar a violência racial; porém, não avançavam na proposição de reformas de impacto que pensassem a situação dos negros dentro da dimensão capitalista.

Foi especialmente a partir da I Guerra que se deram os sinais mais evidentes da filiação de Du Bois ao pensamento marxista, época em que o mundo assistia as consequências devastadoras da política colonialista – a que se seguiram a Revolução Bolchevique, a ascensão dos fascismos, e, no cenário interno dos EUA, os efeitos da Grande Depressão. A crise capitalista afetava sem piedade a população pobre e negra; a democracia liberal, tão creditada como via de uma sociedade mais justa, mostrava sua face perversa no agravamento das clivagens de cor e de classe, próprias da ordem capitalista.

Neste ínterim, Du Bois já havia ingressado no Partido Socialista e transitado o suficiente pelo continente europeu para passar a enfatizar que a superação do problema do negro não se efetivaria longe de reformas socioeconômicas radicais. Sua desilusão com a “esperança liberal” de outrora é narrada em registro autobiográfico, em que cita o conhecimento da realidade da URSS como experiência determinante para sua aproximação do socialismo.

Neste delicado momento político, contexto marcado pelo macarthismo e violência racial, a maior parte das contribuições teóricas de Du Bois aborda o marxismo de forma indireta – com exceção de suas ficções, relatos autobiográficos, da monografia *The negro* (1915) e de seu clássico *Black reconstruction* (1935), além de algumas publicações no jornal *The Crisis* (que permitem acompanhar o teor dos debates travados com os movimentos negros e o Partido Socialista).

Em “*Marxism and the negro problem*” [“O marxismo e o problema do negro”], “*Karl Marx and the negro*” [“Karl Marx e o negro”] e “*Socialism and the negro problem*” [“O socialismo e o problema do negro”], artigos publicados em 1933 no *The Crisis*, Du Bois estabelece uma espécie de mediação pela aproximação de ambos os polos de militância – o socialismo e o ativismo negro – apontando as incongruências de se separar as causas. Tomando por base a própria nomenclatura marxista, ele oferece um panorama da classe trabalhadora que, sendo fundamentalmente negra, se encontrava dividida por razões raciais; praticamente inexistiam burgueses e exploradores negros, além do fato de que a classe de trabalhadores negros enfrentava quadros mais graves de precariedade, fosse pela herança da escravidão ou pelas discriminações cotidianas.

Esse é o ponto crucial de sua percepção sobre o insucesso da difusão das teorias socialistas entre o proletariado, uma dificuldade de coesão que afetava a dita consciência de classe, necessária para as transformações estruturais – o que repercutia na adesão ao Partido Socialista (ainda vacilante em reconhecer a cor da classe trabalhadora, tornando-se radicalmente “antirracista”).

Na percepção de Du Bois, o marxismo não foi formulado com vistas a ser aplicado de modo uniforme em todas as partes do mundo. Ainda que o sistema capitalista global operasse de forma comum na produção de clivagens socioeconômicas, o marxista entende que cada realidade apresentava formatos particulares da luta classes, devido aos processos históricos e ações humanas que resultaram em conjunturas de desigualdade distintas.

No caso dos EUA, a herança colonial e escravista relegou marcas decisivas aos grupos negros – traço por sua vez apontado nos próprios escritos de Marx, quando, em carta dirigida ao presidente A. Lincoln, na época da Guerra da Secessão, refletiu a respeito das mazelas trazidas pelo sistema escravista ao sistema social, político e econômico estadunidense. Esta guerra, por conseguinte, é compreendida por Du Bois para além do conflito, como importante experiência revolucionária – enquanto a era de segregação, ocorrida após a libertação do povo negro, ganha conotação de onda contrarrevolucionária (o que se vê, entre outros textos, em *The souls of black folks*, de 1903).

Já nos anos 1930, as reflexões de Du Bois sobre o marxismo evidenciam seu momento de reflexão sobre o ativismo antirracista, em uma espécie de autoavaliação, dado seu protagonismo em organizações como a NAACP. Entende que o fim da “linha de cor” só seria alcançado pela superação do fator econômico, através de reformas sociais que estabelecessem os direitos básicos às classes trabalhadoras; a socialização das riquezas e o estabelecimento da igualdade socioeconômica são vistos como ponto de partida para a superação das divisões raciais. Essas percepções contrastavam com boa parte dos núcleos de militância negra de sua época, cujas propostas estavam marcadas pelo individualismo liberal (com sua crença na educação e esforço individual como solução para a pobreza e o racismo).

O pensamento de Du Bois também apresenta elementos de debate com as interpretações marxistas de sua época, no que se refere aos caminhos para a superação do racismo e desigualdade socioeconômica. Além dos inconformismos com o Partido Socialista pela resistência em se tratar com radicalidade o “problema negro”, o marxista estadunidense questionava a ideia de que os processos revolucionários deveriam ser promovidos pelas armas: “a guerra é péssima e o inferno não traz avanços no mundo” – uma visão que reflete o peso em seu pensamento que tiveram os trágicos eventos bélicos por ele experienciados.

Comentário sobre a obra

A vasta produção intelectual do marxista negro W. E. B. Du Bois compreende a complexidade de sua formação nas humanidades: com trânsito pela sociologia, história e literatura. O autor reúne mais de três dezenas de livros, os quais incluem resultados de estudos, autobiografias, obras de ficção e coletâneas de textos, além de dezenas de artigos publicados em periódicos científicos. Comentamos a seguir algumas obras de maior circulação e impacto.

Na década de 1890, se dá a publicação de seus primeiros estudos dedicados ao “problema negro” – isto é, aos diversos fatores de exclusão responsáveis pela marginalização da população afro-descendente. Em “Study of the negro problems” [“Estudo sobre os problemas do negro”] (*The Annals of the American Academy of Political and Social Science*, v. 11, jan. 1898) e *The Philadelphia negro* (Filadélfia: Univ. Pennsylvania Press, 1899), traduzido como *O negro da Filadélfia* (Belo Horizonte: Autêntica, 2023).

Du Bois sustenta com um volume expressivo de dados empíricos a tese de que a condição social da população negra dos EUA era o resultado de fatores estruturais como o racismo e a desigualdade – percepções contrárias à ciência hegemônica de sua época, contaminada pelas falsas ciências eugenista e evolucionista social, que com sua noção biologizante de raça responsabilizavam os próprios negros por suas mazelas.

Posteriormente, temos em 1903 o lançamento do mencionado clássico do autor: *The souls of black folks* (Chicago: A. C. McClurg e Co., 1903), traduzido ao português em duas edições distintas: primeiro como *As almas da gente negra* (Rio de Janeiro: Lacerda Editora, 1999); depois como *As almas do povo negro* (São Paulo: Veneta, 2021) – versão com prefácio de Silvio Almeida (um dos responsáveis pela disseminação do conceito de “racismo estrutural” no Brasil).

No livro, Du Bois expõe de modo pioneiro a ideia – hoje amplamente aceita no cenário intelectual – de que os processos históricos que geraram a modernidade resultaram em estruturas de opressão de consequências longevas, sobretudo para a população negra. Além disto, já adepto do marxismo, ele oferece uma interpretação histórica original da Guerra Civil dos EUA, abordando o conflito como uma experiência revolucionária. Numa linguagem poética e emotiva, mescla análise histórico-sociológica, elementos autobiográficos e ficção, traços que contribuíram para posicionar a obra em lugar de destaque na literatura afro-estadunidense.

A influência teórica do marxismo, no período que compreende as décadas entre 1890 e 1910, é pouco explicitada, por vários motivos que vão da ascensão do *macartismo* à intensificação da violência racial. Além disto, o autor demonstra ainda uma espécie de “esperança liberal” – ao creditar ao “talento” o “crescimento” (“*uplift*”) pessoal do negro, o que fica visível

no conceito de “décimo talentoso” (“*talented tenth*”) – uma maneira de identificar perspectivas de ascensão social na sociedade capitalista e racista que passavam fundamentalmente pelo esforço individual. A noção, além de figurar nas obras já apresentadas, compõe a coletânea *Talented tenth: second chapter of ‘The negro problem’, a collection of articles by african americans* (N. Iorque: James Pott, 1903), complementação de sua anterior obra analítica de 1898.

Por outro lado, se à época a crítica social de matriz marxista aparece de forma parcimoniosa nos escritos científicos, ela é bastante evidenciada nos romances. Aqui, vale lembrar de *Darkwater: voices from within the veil* [Água turva: vozes através do véu] (N. Iorque: Harcourt Brace, 1920), uma antologia de contos, ficções e relatos autobiográficos, cujo título faz menção à noção de “véu”, metáfora conceitual destinada a sintetizar a exclusão social e o preconceito de cor, já evidenciada nos escritos anteriores. Nos escritos, avalia as consequências devastadoras das clivagens de cor e classe.

Já com *John Brown* (Filadélfia: George W. Jacobs, 1909), Du Bois investiu na construção de um relato biográfico, fornecendo uma interpretação cultural da vida do líder abolicionista e mártir na luta contra a escravidão que precipitou a Guerra Civil.

Alguns estudiosos demarcam na monografia *The negro*, de 1915, uma guinada explícita de Du Bois em direção ao marxismo. Nela, assim como em sucessivas obras sobre a história do negro, o autor desloca o olhar analítico do quadro local dos EUA, ao plano internacional, observando os efeitos do expansionismo colonialista, do tráfico transatlântico de escravizados e da exploração do continente africano. Tais traços reafirmam sua abordagem estruturalista do racismo, mas também consolidam outro elemento marcante de sua contribuição teórica: a ideia de “dupla consciência”, uma percepção do “ser negro” como identidade dúbia, de dimensões globais e nacionais. A compreensão de Du Bois acerca da identidade negra, de aspecto transnacional, se relaciona a sua militância política: de um lado o pan-africanismo, do qual foi um dos idealizadores; de outro, o comunismo, em favor do qual se posicionou no decorrer da vida.

Também representativos da perspectiva marxista de Du Bois e de seus debates com o Partido Socialista foram as publicações no jornal *The Crisis*, no qual ele exercia a chefia editorial. Neles, o autor estabelece uma espécie de mediação entre o socialismo e o ativismo negro de sua época, compreendendo-os como parte de um mesmo ideal. Oferece ainda uma avaliação sobre o proletariado estadunidense, considerando os problemas interseccionais que afetavam a população negra, tendo por base o referencial marxista. Neste quesito, em *Karl Marx and the negro* [*Karl Marx e o negro*], de 1933, ele reflete sobre a construção da sociedade pós-Guerra Civil, evidenciando que o passado escravista e o problema racial não foram traços negligenciados por Marx ao pensar o contexto das Américas.

As problematizações acerca do peso da Guerra Civil, o processo de conquista de direitos da população negra, assim como a intensificação da violência racial do momento conhecido como “Reconstrução Estadunidense” são questões trabalhadas com mais fôlego em *Black reconstruction in America* [Reconstrução negra nos Estados Unidos da América] (N. Iorque: Harcourt, Brace and Company, 1935). A obra permite verificar como a teoria marxista foi empregada pelo autor para pensar o caso específico dos EUA em quesitos como luta de classes, revolução, contrarrevolução, superestrutura e agência humana. Du Bois toma o conflito como experiência revolucionária e, ao mesmo tempo, como ponto de partida dos reacionarismos vividos com a segregação, desenvolvendo uma abordagem original que compreende o escravizado como componente da classe trabalhadora (e não mera propriedade).

Das obras publicadas na fase final de sua vida, ganham destaque os registros autobiográficos, nos quais Du Bois, mais do que realizar compilações de eventos de sua trajetória, combina análises sociológicas e históricas das fases de sua formação e vida política. Um exemplo disso se encontra em *Dusk of dawn: an essay toward an autobiography of a race concept* [Crepúsculo do amanhecer: ensaio em torno de uma autobiografia do conceito de raça] (Nova Iorque: Harcourt Brace, 1940). Nele, Du Bois desenvolve uma narrativa na qual ele próprio é sujeito e analista, para desenvolver o conceito de “raça” em suas dimensões sócio-históricas. Ali também se encontram os detalhes mais precisos de suas impressões sobre o marxismo em relação ao “problema negro”, assim como uma análise amadurecida de sua trajetória enquanto intelectual e militante.

Já em, 1961, período em que estava de mudança para Gana, Du Bois escreveu uma carta ao Partido Comunista dos EUA – “Letter from W. E. B. Du Bois to Communist Party of the U.S.A.” (<https://credo.library.umass.edu>) – requerendo sua adesão. Na correspondência, afirma que seu caminho em direção ao comunismo foi lento e que, ainda que se considerasse desde há muito um socialista, não tinha estudado sistematicamente a obra de Marx durante sua formação inicial; mas que, após sua desilusão com o Partido Socialista e leituras mais aprofundadas do marxismo, bem como com suas visitas a países socialistas e com a experiência de viver nos EUA durante a Guerra Fria, tinha percebido com nitidez a incapacidade do capitalismo se reformar. Paradoxalmente, foi justamente quando o comunismo se tornou crime nos EUA que Du Bois fez questão de assumir para o mundo sua convicção enquanto comunista – por meio de uma carta que, mais do que um pedido de filiação, é um manifesto contra a criminalização da utopia concreta de uma sociedade sem classes e emancipada.

Sua última autobiografia, *The autobiography of W. E. Burghardt Du Bois* [A autobiografia de W. E. Burghardt Du Bois] (N. Iorque: International Publishers, 1968) foi concluída nas vésperas de seu falecimento (1963) e publicada postumamente. Nela, seguindo a toada de textos anteriores, mistura à narrativa autobiográfica elementos de análise dos processos históricos que atravessou, dando ênfase à crítica social sempre acompanhada pelo viés da “linha de cor”.

Em língua portuguesa, cabe menção a traduções de seus artigos no jornal *The Crisis*, recentemente publicados na revista *Crítica Marxista*, em dossiê intitulado “W. E. B. Du Bois: Marx, o marxismo e o comunismo” (*Crítica Marxista*, n. 53, 2021), organizado por Sávio Cavalcante e disponível na rede (www.ifch.unicamp.br), incluindo textos como: “O marxismo e o problema do negro” (1933), no qual questiona uma luta negra nos moldes liberais, defendendo a ideia da luta de classes.

Há também em português sua já apresentada carta ao Partido Comunista dos EUA: “Por que me tornei um comunista” (2020), disponível no portal da filial brasileira da revista estadunidense *Jacobin* (jacobin.com.br).

***Noemi Santos da Silva** é professora de história na Universidade Estadual de Ponta Grossa.

***Jônatas Oliveira Pantoja** é doutor em sociologia pela USP.

Publicado originalmente no portal do Núcleo Práxis-USP [nucleopraxisusp.org].

Referências

CARSON, Edward; HORNE, Gerald; SINITIERE, Phillip Luke. *Socialism and democracy in W.E.B. Du Bois's life, thought, and legacy*. Nova Iorque: Routledge, 2020.

CAVALCANTE, Savio. “Apresentação: W. E. B. Du Bois, o marxismo e o comunismo”. *Crítica Marxista* (Dossiê), n. 53, 2021.

CHALHOUB, Sidney. The politics of ambiguity: conditional manumission, labor contracts, and slave emancipation in Brazil. *International Review of Social History*, n. 60, 2015.

FLOR, Cauê Gomes. Raça, cultura e pertencimento: a emergência da noção de diáspora africana. *Ciência Sociais – Unisinos*, vol. 55, n. 3, 2019.

GILROY, Paul. *O Atlântico negro: modernidade e dupla consciência*. São Paulo: Editora 34, 2001.

HORNE, Gerald. *W. E. B. Du Bois, a biography*. Santa Barbara: Greenwood Press, 2010.

LEWIS, Davi Levering. *W. E. B. Du Bois: biography of a race*. Nova Iorque: H. Holt, 1993.

MORRIS, Aldon D. *The scholar denied: W. E. B. Du Bois and the birth of modern sociology*. Oakland: Univ. California Press, 2015.

MOURA, C. P.; BERNARDINO-COSTA, J.. "Apresentação à versão brasileira". Em: DU BOIS, W. E. B. *O negro da Filadélfia*. Belo Horizonte: Autêntica, 2023.

PATTERSON, Tiffany, KELLEY, Robin. "Unfinished migrations: reflections on the african diaspora and the making of the Modern World". *African Studies Review*, n. 43, 2000.

SAMAN, Michael J. "Du Bois and Marx, Du Bois and marxism," *Du Bois Review: Social Science Research on Race*, v. 17, n. 1, ago. 2020.

**A Terra é Redonda existe graças aos nossos leitores e apoiadores.
Ajude-nos a manter esta ideia.**

[CONTRIBUA](#)